

## *Eça de Queiroz. Silêncios, Sombras e Ocultações*

A. CAMPOS MATOS

Lisboa, Edições Colibri, 2012, 329 p.



Aparte um punhado de obras dedicadas ao pelouro da arquitectura ou das artes plásticas ou ao ensaísta António Sérgio, Alfredo Campos Matos tem concentrado a sua vida de investigador – o melhor dela – a apontar os holofotes à obra e à personalidade de Eça de Queiroz. O número de obras que lhe dedicou perfaz já um número que não anda longe dos trinta. Atendendo a que A. Campos Matos teve uma profissão – a de arquitecto – que lhe ocupou uma larga fatia do tempo de que dispôs, bem se poderia dizer que trinta obras é obra! E, em qualquer dos casos, mesmo sem as desculpas da profissão, trinta obras é sempre obra, quando se trate de trabalhos que exigem obstinação, paciência, atenção ao pormenor, movimentação, custos e, muitas vezes, decepções. A caça ao documento, à pessoa que tem ou teve o documento, o convencer essa pessoa a divulgar o documento (tarefa épica, quando o provincianismo desconfiado se atravessa no caminho do investigador!), para, no fim, se verificar, quantas vezes, que o referido e tão desejado documento pouco ou nada adianta ao conhecimento da obra e do autor – é obra! É de todos conhecida a obstinação com que Boswell perseguia, seduzia e subornava quem quer que possuísse o mais anódino documento que dissesse respeito ao poeta, dicionarista e ensaísta Samuel Johnson. A vida do homem que dedica a sua vida a esclarecer melhor a vida e obra de outro homem é bom material de epopeia. Certamente material em nada inferior ao de um povo que trucidou e se fez trucidar, durante dez anos, por causa de uma mulher bela que os pôs ao marido! Homero vivia, obviamente, à míngua de bom material epopeico! De aí a pergunta pertinente de Malraux a Valéry: «Você conhece alguma coisa mais idiota do que a *Iliada*?».

O livro de que hoje aqui falamos intitula-se, apetitosamente, *Eça de Queiroz – Silêncios, Sombras e Ocultações* e consta de 38 textos. Trata-se de uma segunda edição, acrescentada, visto que a primeira, com menos oito textos, fora publicada, há dois anos, no Brasil, pela editora *Movimento*, de Porto Alegre.

Dos trinta e oito textos, agora reunidos, seguramente, trinta e um ou não têm que ver com qualquer análise, em profundidade, do texto queirosiano ou não têm de todo que ver com Eça de Queiroz. No primeiro caso, diria que são textos interessantíssimos, mas que são «à volta» de Eça de Queiroz e não «de dentro» da obra de Eça. O serem «à volta» e não «de dentro» não lhes tira, em nada, o mérito e o interesse que têm: ajudam a definir com melhor nitidez o perfil do homem e até da obra. No segundo caso, os textos não têm rigorosamente nada que ver nem com Eça nem com a sua obra, como são os consagrados a António Sérgio, Abel Salazar, Camilo Pessanha, Axel Munthe, Curzio Malaparte, Pierre Van Passen, Martha Telles ou Eugénio Lisboa, que se sente muito feliz por estar imerecidamente ao lado de tão ilustre companhia.

Alfredo Campos Matos, com o seu magnífico *Dicionário de Eça de Queiroz* e com a sua mais recente biografia (sem falar nas inúmeras contribuições avulso, disseminadas por outros livros seus) tem contribuído não pouco para melhor ajudar a traçar, com menor erro, o perfil do homem e o significado profundo da obra. Dizia a romancista inglesa Virginia Woolf que «a biografia serve para dar a um homem alguma espécie de forma, depois da sua morte». E é verdade. É-o, apesar das inúmeras tentativas de um fundamentalismo deslumbrado, que tem visado tirar ao trabalho dos biógrafos qualquer mérito que seja, no sentido de melhor se conhecer o homem e a obra. O escritor inglês Robert Skidelsky, por exemplo, dizia, com soberano desprezo: «Biografia: puro voyeurismo embelezado com notas de pé de página». E Oscar Wilde, sempre genialmente perverso, notava que «todo o grande homem, nos nossos dias, tem os seus discípulos, mas é sempre Judas quem lhe escreve a biografia». Que Wilde estava genialmente errado prova-o a existência de Campos Matos, disposto a assassinar qualquer Judas-biógrafo que se meta a desfigurar o perfil do Pobre Homem da Póvoa de Varzim! Não que o amor que vota ao homem e à obra lhe tolde a objectividade e o torne um vesgo fundamentalista do autor de *Os Maias*! As provas dessa objectividade são múltiplas, até quando se torna capaz de destrinçar, nas relações entre Eça e Camilo, uma maior elegância na conduta do autor das *Novelas do Minho*.

Toda a aproximação crítica de Campos Matos arranca de uma premissa extremamente saudável, quando nos lembra, no seu texto sobre «A Comuna

de Paris na Obra de Eça de Queiroz», que se deve ter sempre em conta que «Eça é antes de mais um artista, um romancista e não um ideólogo». Quem daqui parta, digo agora eu, terá muito menos probabilidades de errar do que quem leve demasiado à letra as «bengaladas do homem de bem». Eça faz sátira – e sátira contundente – muito menos por razões de ideologia (que também as tinha), do que pelo facto de trazer, dentro de si, uma poderosa organização de «poeta satírico», como lhe chamou Régio. Claro que o panorama de trapalhada política, de corrupção, de bagunça social *lhe servia* às maravilhas para dar azo fulgurante às competências excepcionais do seu temperamento de artista. Como lhe serviria, hoje, se fosse vivo e actuante, o *milieu* político em que nos agitamos... Olhando para o seu tempo e para a sua circunstância, dizia Pirandello, «Que pena Dostoiewsky ainda ter razão!». Poderíamos, na mesma linha, observar: «Que pena Eça de Queiroz ser ainda tão prestável...». No texto a que acabo de me referir (sobre a Comuna na Obra de Eça), Campos Matos retira, das palavras do escritor, no *Distrito de Évora*, a seguinte passagem, que apetece enviar, em correio registado, *pour mémoire*, àqueles que nos governam: «As desgraças das revoluções são dolorosas fatalidades, as desgraças dos maus governos são dolorosas infâmias». Era verdade, era contundente e era justo, mas estava, sobretudo, admiravelmente dito. O artista estava sempre em primeiro lugar.

Nas organizações artísticas muito fortes, a arte sobrepõe-se a tudo: às causas, por mais nobres que sejam, e às maneiras. Falando de Bernard Shaw e, precisamente, da sua extrema desenvoltura de maneiras, o grande biógrafo francês André Maurois notava, a meu ver, com razão: «[O artista] não tem escrúpulos. Se é um grande artista, não é nunca um *gentleman*. Dickens, Goethe, o próprio Shaw não são *gentlemen*. Uns abandonam as mulheres, os outros dizem brutalmente todas as verdades que um *gentleman* esconderia. Só a obra tem para eles importância. É por isso que ela é grande». Isto, e digo-o em benefício de Campos Matos, talvez explique muita coisa. Talvez explique, por exemplo, a deliciosa falta de escrúpulos com que Eça propôs a Ramalho Ortigão que fizesse em nome dele, Eça, chantagem com o ministro Andrade Corvo, a propósito de um romance escandaloso, que congeminava escrever. E talvez explique aquilo que tanto choca Alfredo Campos Matos, na conduta de Ramalho, por ocasião da morte de Eça, em nada diferente da conduta de Eça, por ocasião da morte de Antero. Cada um trata de si e, para o artista, a sua (dele) obra está acima da mãe e da avó – quanto mais, dos amigos! Com brutalidade apreciável, o romancista William Faulkner observava que uma ode de Keats valia bem a vida de não sei quantas velhinhas. Há, de resto,

neste pelouro, inesquecíveis memórias: o incêndio de Roma dando, a Nero, matéria para um poema, supostamente imortal. E foi até a leitura disto, no celebrado romance *Quo Vadis?*, que teria dado a Montherlant a primeira ideia não romântica sobre a massa de que se fazem os grandes criadores. Os grandes, e os menos grandes: Ramalho não precisava de ser Eça, para ter, em termos de egoísmo, exactamente os mesmos tics que teve, sem dúvida, o criador do *Primo Basílio*. O Gauguin retratado por Somerset Maugham, no seu romance *The Moon and Six pence* é isto mesmo: um bruto egoísta a quem interessava simplesmente levar a bom termo a obra que congeminara fazer. Para o conseguir, atira pela borda fora, família, amigos fiéis e amantes amantíssimas. Há poucos retratos tão cruéis, mas, ao mesmo tempo, tão verdadeiros, daquilo de que são feitos os artistas. O consciencioso e escrupuloso Gide não era, afinal, muito diferente, sacrificando, sem hesitar, a muito amada e venerada prima e mulher, ao seu projecto pessoal de grande artista desarrumador. Pereça o universo, mas viva a Espanha, dirá qualquer espanhol que se preze. Pereça o universo, mas viva a minha obra, dirá, qualquer artista que se leve a sério.

Este belo e substancioso livro de Alfredo Campos Matos, embora indicando, pelo título, ser um livro consagrado a Eça de Queiroz, contém, como dissemos, uns poucos artigos dedicados a outras personalidades. Mas a maioria foca a sua atenção em aspectos da obra ou da personalidade humana do autor de *Alves & Companhia*. Os mais substanciais – embora sejam todos de muito interesse – são três: o que dá o título ao livro – «Eça de Queiroz – Silêncios, sombras e ocultações» – «Eça e a República» e «No divã com Eça de Queiroz e com Pedro Luzes».

Não vou debruçar-me, com minúcia, sobre eles, nem esta é ocasião a isso apropriada. Mas não poderei deixar de sublinhar a riqueza da sondagem que em todos eles se faz e o quanto ela ilumina e enriquece a obra e o seu autor. No primeiro desses textos, Campos Matos sublinha, com penetração e força, aquilo a que chama a «dissimulação»! – ou o uso de máscaras, por detrás das quais Eça ocultaria o seu eu profundo. Eça confessaria, em suma, os seus aquecidos segredos e convicções – o seu canto profundo – por via dos seus personagens, mantendo, no seu comércio social, mesmo com os amigos e íntimos, a mais vigiada reserva. Nisto, está a marca inconfundível do artista autêntico, pois não é apenas uma singularidade do criador de *A Relíquia*. Shakespeare, Goethe, Dostoiévsky, Stendhal – todos eles se ocultam e se revelam, por detrás e por via dos fantoches ficcionais que põem em movimento. «Uma máscara diz mais do que um rosto», observava, sibilamente, Oscar Wilde, que bem sabia do que falava. E foi este mesmo Wilde quem, em conversa com o jovem

Gide, nos desertos do norte de África, o aconselhou: «Prometa-me, meu caro: nunca mais escreva Eu. Em arte, bem vê, não há *primeira pessoa*». O dramaturgo irlandês não estava, obviamente, a proibir Gide de escrever ficções na primeira pessoa, até porque as primeiras pessoas dos livros podem ser – e devem ser – elas próprias, *máscaras* do autor. O que estava era a sugerir que nunca se confessasse de modo demasiado directo e primário. O criador *distribui-se* pelos personagens mais diversos e até por aqueles que dele mais divergem. Gide chega a colocar na boca dos personagens mais detestáveis alguns dos seus aforismos mais acarinhados. Sinal de perversão? De modo nenhum: sinal inconfundível de autenticidade criadora. O ficcionista cria ficções – não dá, ao leitor, a sua realidade em directo e sem contrafactos. De aí a parecer fantasioso ou «mentiroso» – vai apenas um passo. Régio entrega-se-nos, em profundidade, através de uma das suas criações mais inquietantes ou, mesmo, mais sinistras, que é o Jaime Franco, do romance *Jogo da Cebra Cega* e da saga romanescas *A Velha Casa*. Régio não é Jaime Franco, mas é neste que estão guardadas algumas das suas pulsões e convicções com maior teor de desarrumo. Neste seu ensaio sobre as «dissimulações» e «ocultações» de Eça, Campos Matos observa com penetração: «Eça, em boa verdade, esteve sempre pronto a sacrificar a exactidão dos factos aos efeitos da fantasia». Claro que Eça fantasiava, distorcia, «mentia». Que ficcionista não poderá ser acusado do mesmo? A alguém que acusava o grande escritor norte-americano Ernest Hemingway de passar a vida a mentir, mesmo em cartas escritas a amigos próximos, um grande crítico, salvo erro Philip Toynbee, observou, secamente, que um ficcionista não cessava, automaticamente de sê-lo, só porque estava a escrever a um amigo. A sua natureza de *ficcionador* prevalece, mesmo em contextos em que devia apagar-se ou esbater-se. Manuel da Fonseca era conhecido como sendo useiro e vezeiro em «abonitar» os relatos que fazia de acontecimentos em que participara ou em que simplesmente estivera presente (como grande contador de histórias, transformava, sem escrúpulos, os «acontecimentos» em arredondadas «histórias»).

O texto «No divã com Eça de Queiroz e com Pedro Luzes» é, como disse, um dos três mais ricos de sugestões. Mas, ainda aqui, eu teria alguma cautela, apelando para as modelares palavras de Jacques de Lacretelle, notável romancista e fino analista: «Mas se a psicanálise», nota o autor de *Silbermann*, «se esforça por descobrir com mais ou menos êxito os segredos do homem e do seu comportamento na vida, ela é inútil para explicar o escritor e a inspiração da sua obra». Não é por sofrer de um complexo de Édipo que alguém se torna um grande escritor ou um grande pintor. O ser «coitadinho» não é minimamente garantia de futura grandeza.

Não queria terminar sem fazer um pequeno comentário a uma passagem do artigo, aliás interessantíssimo, intitulado «Um encontro com António Nobre». Esta passagem reza assim: «Curiosamente, é deste poeta [António Nobre] uma das mais profundas observações sobre o autor d'*Os Maias*, que usámos como epígrafe da sua *Correspondência* e pusemos à cabeça desta obra: 'O Eça de Queiroz (que é tão grande) nunca teria feito a sua obra se não fora o seu destino que, desde menino e moço, o tem trazido errante por longes terras'». «Com estas palavras chãs [diz Campos Matos], Nobre define o âmag, não só do problema psicológico fundamental em Eça, mas da abertura ao mundo que a sua literatura oferece, graças em parte ao exílio... ».

Com o devido respeito pelo ilustre queirosiano, não posso estar mais em desacordo (com ele e com Nobre). A explicação do autor do *Só* não só não é «profunda» como é até daquelas que nada explicam. Explicar a singularidade e valia da obra queirosiana, mesmo em parte, pelo exílio, não faz qualquer sentido. O que há mais é exilados que nunca produziram um livro, quanto mais uma obra. O que fez a obra de Eça foi o seu *talento* – que já existia e já se manifestara em Portugal, muito antes do exílio (se exílio se pode chamar a uma colocação diplomática no estrangeiro). E toda a abertura ao mundo se começara já a realizar nos tempos de Coimbra, Lisboa, Évora e Leiria, sem precisão nenhuma de Newcastle, Bristol ou Paris. De resto, tanto em Inglaterra como em França, Eça não se abriu por aí além à nova «circunstância», nada se dando com intelectuais ou escritores ou gente de monta desses mesmos países. O que deles sabia podia sabê-lo sem sair de Portugal – do qual, efectivamente pouco «saiu». A sua obra, mesmo quando alimentada pelas inovações dos realistas e naturalistas franceses ou pelos grandes romancistas ingleses do século XIX, é profundamente portuguesa, feita com portugueses e para portugueses. E, por isso mesmo, universal, visto que é sempre do muito particular que se parte, com segurança, para o universal. Por isso, dizer que, sem a vida diplomática (que, repito, não é «exílio»), Eça não seria Eça é uma ousadia que eu não ousar. Estas tentadoras relações de «causa – efeito» são, quanto a mim, perigosamente escorregadias e até injustas: atribui-se a criação à circunstância e esquece-se o talento, que é, afinal, o verdadeiro motor da obra. Sem talento criador, não há circunstância que nos valha. Arruaceiros que frequentaram a Universidade de Coimbra terá havido muitos, mas só um escreveu os *Lusiadas*...

Mas o acima dito, parafraseando a inesquecível «Suze», de António Patrício, não passa de «un détail». O livro de Campos Matos, por isso mesmo que é rico e diverso, convida à discussão e ao contraditório. Resta-me, pois, sugerir ao leitor dele um passeio demorado e meditado por estes 38 textos, na maior

parte, queirosianos e, na restante, eminentemente sedutores, e que ajudam, na área que diz respeito ao criador do Padre Amaro, a dar a esse homem que se chamou Eça de Queiroz, «alguma espécie de forma, depois da sua morte», voltando a Virginia Woolf.

A escritora Marie Dressler observou um dia que gostava de ler biografias porque queria saber mais acerca daquelas pessoas que deram cabo do mundo. Eça não deu, exactamente, cabo do mundo, mas foi o pintor magistral daqueles que deram. Ri melhor quem ri no fim...

*Eugénio Lisboa*